

1 DE FEVEREIRO DE 2008  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte  
da edição n.º 28032  
de 1 de Fevereiro de 2008,  
do jornal Diário do Minho,  
não podendo ser vendido  
separadamente.

# Património



IGREJA  
DE  
VILA CHÃ

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis



## Introdução

O suplemento "Património" do *Diário do Minho* está de volta à freguesia de Vila Chã. Depois do Castro de São Lourenço, desta vez as nossas atenções estão viradas para a "Igreja Paroquial", dedicada a São João Baptista.

Tal como mostram os vestígios arqueológicos encontrados ao longo de vários anos de escavações, particularmente no Castro de São Lourenço, a freguesia de Vila Chã é antiquíssima, com uma vasta história, enriquecida com a sua igreja. A Igreja paroquial de Vila Chã, tal como a conhecemos na actualidade, é uma Igreja praticamente nova. Ao longo dos séculos tem sofrido tantas modificações, mais ou menos profundas. Mesmo no século XX teve tantas caras, não escapou a alguma modernice desnecessária no pós 25 de Abril.

Além da história e da riqueza de algumas imagens, o templo ganhou, nos últimos tempos, uma tribuna nova, que foi integrada no conjunto da capela-mor, com apreciável interesse artístico. Trata-se de uma tribuna, com trono, em estilo D. João V, aproveitando a talha proveniente da igreja velha de Gualtar, em Braga.

Ao longo deste suplemento, vamos especificar as fases construtivas mais importantes da história desta igreja, assim como peças antigas. Vamos destacar algumas figuras marcantes na vida de Vila Chã.

A paróquia de Vila Chã, segundo se pode apreender das fontes históricas medievais, possuiu uma igreja que deveria ser de estilo arquitectónico românico e que terá sido instituída pelos próprios moradores da freguesia.

Ao que parece, essa igreja, que não chegou até nós, «dizem que» estava, «primitivamente, nas Cortinhas, tendo sido mudada para o sítio onde actualmente está já há muitos anos», afirma Teotónio da Fonseca, no seu livro "Espozende e o seu Concelho". O que nos permite deduzir que existiu um templo primitivo em Vila Chã são as referências a esta paróquia nas Inquirições de D. Afonso II, D. Afonso III e de D. Dinis, para as quais prestaram juramento o abade

# Igreja medieval de Vila Chã foi instituída pelos moradores

juntamente com os Homens-Bons da freguesia.

Disso mesmo nos dá conta o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva no seu livro "Vila Chã: uma terra milenar", afirmando que, em 1220, nas Inquirições de D. Afonso II, «aparece Santo Johanne de Villar Plano, onde o rei não tinha reguengos, tendo a igreja sesmarias que pertenciam aos Mosteiros de Palme (dez casais), de S. Romão do Neiva (três casais) e S. Paio de Antas (seis casais)».

«O abade de Vila Chã, nessa época, chamado Pedro Vila, conjuntamente com alguns Homens-Bons, nomeadamente Petrus Gunsalvi, Petrus Sueriz, Gunsalvus Pelagii, Gunsalvus Roderici, Facundo, Johannes Sueriz, Dominicus Sueriz, Johannes Petri, Dominicus Petri, juraram e disseram aos Inquiridores de que o Rei não tinha em Vila Chã qualquer terra reguenga, ou regalenga, e que não era "patronus" desta igreja», acrescenta.

Nesta sua obra, Manuel Albino Penteadó Neiva, numa análise a estas Inquirições, chama a atenção para um pormenor relevante. Na sua perspectiva é importante realçar a designação do pároco, «que aqui tinha a categoria de abade, ao contrário das freguesias vizinhas cujo pároco era chamado de "prelatus"».

## Inquirições de 1258

Ainda no século XII, temos também as Inquirições de 1258, de D. Afonso III, onde novamente aparece a referência a Vila Chã, sendo Domingos Mendes, o abade da paróquia e Johannes Petri, o Juiz, provavelmente, das Terras de Neiva.

«Conjuntamente com nove testemunhas disseram, sob juramento, que o Rei D. Afonso III, tal como acontecera com D. Afonso II, não era "Patronus" da igreja de Vila Chã e que esta paróquia pagava ao Rei 33 maravedis, ficando dois para a igreja, davam, ainda dois carneiros e seis galinhas, isto cada fogo, e estavam isentas deste foro duas "quintanas"», afirma Manuel Albino Penteadó Neiva na sua obra.

Assim, segundo o historiador, «se, tal como em 1220, o Rei não era "patrão" da igreja, conclui-se que esta fora instituída pelos fregueses de Vila Chã que, a suas expensas, a erigiram e mantinham».

Outro documento que evidencia o facto de nesta freguesia do concelho de Espozende ter existido uma igreja, por certo pequena e de estilo românico, é o Catálogo das igrejas, elaborado em 1320. Nesse documento histórico, salienta Penteadó Neiva, «tendo em vista o imposto lançado por D. Dinis, a igreja de Vila Chã foi avaliada em 50 libras».

Segundo o investigador, «ao longo



> Nas Inquirições do século XIII o orago de Vila Chã já é S. João Baptista

dos séculos XIV e XV, tanto quanto a documentação nos permite aferir, os abades nomeados para esta igreja eram efémeros e, normalmente não residiam aqui». Como exemplos, acrescenta, «temos o abade Afonso Fernandes que, em 1486, declarava ser "Abade de Vila Chã e residia na vila de Barcelos"». Neste seu livro, Penteadó Neiva sustenta que os monarcas portugueses pretenderam aumentar e enriquecer o padroado real, tendo apelado junto

do Papa para que lhes fosse concedido esse direito, nomeadamente, obter a jurisdição sobre os clérigos e as igrejas. «Uma Bula de 18 de Setembro de 1517 responde ao apelo de D. Manuel para que os "padroeiros leigos, a troco de alguma recompensa do monarca, pudessem ceder à Coroa os seus direitos", acrescenta. Um facto curioso é a doação que D. João I fez, a 4 de Setembro de 1410, ao seu filho bastardo D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de

Bragança de todos os padroados das igrejas situadas nos Julgados de Neiva, de Aguiar de Neiva, de Faria, de Vermoim, de Penafiel de Bastuço e Couto de Várzea. Ora, sabendo-se que Vila Chã era parte integrante das Terras de Neiva, parece que a igreja e o seu padroado não foram integradas, nesta data, na doação. «De certeza que a de Vila Chã não fazia parte desta doação pois em 1517 tínhamos bastantes padroeiros nesta igreja», refere Penteadó Neiva.

# Casa de Bragança foi padroeira da igreja de Vila Chã

**A** Casa de Bragança foi, a partir do século XVI, a detentora do padroado da igreja de Vila Chã, passando, assim, a caber-lhe a apresentação dos abades nesta paróquia. Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, no seu livro "Vila Chã: uma terra milenar", foi em 1517, que se iniciou a «transferência do padroado da igreja de São João de Vila Chã das mãos de vários padroeiros para as mãos de D. Jaime, Duque de Bragança, que mandou colocar marcos de pedra devidamente esculpidos com as Armas dos Braganças de um lado, e do outro a letra B». O historiador conta que, em 1520, «o Capelão e Procurador do Duque de Bragança», Gonçalo de Mendes, apresentou-se ao Provisor e Vigário Geral, Lopo Velho, «mostrando-lhe um documento no qual constavam todos os padroados e igrejas que eram da sua apresentação» e, nessa altura, «pediu que lhe fosse passado um traslado onde constasse a doação da igreja de Vila Chã, assim como a respectiva confirmação». «O traslado foi feito, descrevendo com pormenor as doações que os padroeiros fizeram ao Senhor Duque, na data de 7 e 8 de Outubro de 1517, e confirmadas em 1519 pelo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa», acrescenta.

Assim, salienta Manuel Albino Penteadado Neiva, «a partir desta data coube sempre ao Duque de Bragança, único padroeiro desta abadia, apresentar abade para ela, e responder pelos seus fregueses, pedindo a confirmação ao Arcebispo de Braga».

Um pormenor interessante é o facto de a primeira descrição existente da igreja de Vila Chã conhecida datar exactamente do século XVI, mais concretamente de 1549. Segundo o historiador, «se durante a Idade Média temos descrições sobre a instituição da igreja de São João de Vila Chã, é, no entanto, no século XVI que encontramos a primeira descrição deste templo».

Assim, conta, em 1549 a igreja é descrita «como um pequeno templo "com passal e um adro diante da porta principal"». «Apegada à igreja existia uma casa torre "com quatro traves e retelhada", a qual media 6X6 varas. Ao lado do tempozinho, e julgamos que separada deste, existia uma "torrezinha" talvez sineira, que "por baixo era seiva e que servia para ter ovelhas, sendo meia telhada e meia em colmo», acrescenta Penteadado Neiva. Na sua opinião, através desta exposição, é possível imaginar que a igreja quinhentista de Vila Chã «seria um templo pobre» e «muito mal cuidado».



> Imagem de Cristo crucificado no altar mor



> A primeira descrição da igreja data do século XVI

## Igreja de Vila Chã no século XVII

Segundo o historiador, em meados do século XVII, a igreja de Vila Chã encontrava-se em estado de ruína, «levando as autoridades eclesiásticas a obrigarem o abade e seus fregueses a realizarem obras de melhoramento. «Em 26 de Abril de 1668, obrigaram-se Bento Domingues, Mestre Pedreiro, e Francisco Pedro, a fazerem as obras que tinham rematado nesta igreja. Ambos eram moradores na freguesia de Vila Chã e declararam fazer as referidas obras "pela quantia de 50\$000 reis" e que as faziam "perfeita e acabadas em madeira e telhado, como tudo consta do termo de arrematação e dos Capítulos da Visitação», relata Penteadado Neiva. Destas obras, ou pelo menos de

uma boa parte desta intervenção, deve ter resultado a igreja que vem descrita nas Memórias Paroquiais de 1758, transcritas e editadas por José Viriato Capela no livro "As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 – A construção do imaginário minhoto setecentista".

Segundo o pároco de então, «o orago desta freguezia hé Sam João Baptista de Villa Cham cuja imagem hé de pedra composta com as pinturas decentes, esta posta em o altar maior, em o retabolo na parte direita da capella maior da igreja desta freguezia». Da parte esquerda, continua, «está a imagem do Apostolo Sam Pedro e em meio do retabolo e altar mor está o Santíssimo Sacramento em o sacrário decentemente ornado».



> Pia Baptismal datada do século XVI

O sacerdote conta ainda que a igreja de 1758 tinha ainda quatro altares. «Do lado direito tem dous, hum junto do arco da capella mor e em elle a imagem de Nossa Senhora do Rosario e da mesma parte outro altar com hum coadro das Almas e a imagem do Senhor Crucificado. Do lado esquerdo juncto do arco da capella mor está o altar de Nossa Senhora do Livramento com a

sua imagem e a do Sancto Nome de Deos e da mesma parte com as costas na parede do corpo da igreja está outro altar com a imagem da Trindade Sanctíssima e a imagem do Padre Sam Francisco», afirma. Ainda segundo o pároco de Vila Chã em 1758, todos os altares estavam «goarncidos com retabolos de madeira dourada», sendo a igreja «sem naves e pintada pelo tecto e por baixo do coro».

INVASÕES FRANCESAS ACONTECERAM HÁ DOIS SÉCULOS

# Igreja de Vila Chã obrigada a contribuir com esforço de guerra

No início do século XIX, a igreja paroquial de Vila Chã reunia condições de segurança e de celebração. Isto porque no final do século XVIII, os responsáveis da paróquia tinham realizado obras de alguma profundidade não só na igreja, concretamente na capela-mor, mas também nas casas da residência. Aliás, nota-se que, durante todo o século XIX, a igreja esteve sempre, regra geral, decente.

No início da centúria, a freguesia e a paróquia, à semelhança do que acontecia um pouco por todo o país, viviam com muita instabilidade, provocada pela invasão das tropas de Napoleão, há precisamente dois séculos.

Como especifica Albino Penteadado Neiva, no seu livro "Vila Chã: uma Terra Milenar", em 1808, «quando das Invasões Francesas, os párocos foram obrigados a declarar as pratas que existiam, fossem pertença da Fábrica da Igreja, fossem mesmo das Irmandades ou Confrarias. Eram ainda obrigados a declarar os seus rendimentos», refere.

De facto, quando se deram as invasões das tropas napoleónicas, houve um decreto em que exigia que todas as instituições religiosas entregassem, numa espécie de tributo da guerra, as suas pratas para serem derretidas para "amoedar", dito de outra forma, para fazer moedas.

Em Vila Chã, o pároco, o reverendo Custódio José Martins Monte, bem que tentou desculpar-se, alegando que a igreja estava sem pároco e que ele era «pároco encomendado e que a igreja era abadia e dote da Sereníssima Casa de Bragança».

Argumentos que não convenceram a tropa invasora e o padre, acompanhado dos tesoureiros das confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Livramento e de São João Baptista, tiveram que comparecer em Barcelos para entregar os objectos de prata. O que aconteceu no dia 28 de Fevereiro de 1808.

De acordo com o historiador Penteadado Neiva, baseado em documentos do Arquivo Distrital de Braga, Vila Chã terá entregue aos franceses um turíbulo e a sua vaneta, uma cruz processional, uma custódia, quatro cruces de prata, três cálices e uma coroa de Nossa Senhora do Livramento, além dos esplendores de prata de São Pedro e São João. Feitas as contas da «Contrastaria Real, pesavam 16 aráteis e 14 Onças, aproximadamente 7,750kg».

Isto é, além de se sujeitarem a uma maldita invasão, as paróquias e as pessoas em geral eram espoliadas e obrigadas a contribuir com o esforço de uma guerra de todo indesejada.

## Obras e recomendações do Visitador

Passado o pesadelo das invasões, os responsáveis da igreja fizeram conta aos prejuízos mas, porque a vida teria que continuar, as atenções voltaram a centrar-se nas necessidades do templo, tanto no que diz respeito a obras quanto às alfaias.

De acordo com a publicação "Vila Chã: Terra Milenar", no dia 26 de Julho de 1814, dois bracarense, Manuel José Pereira, mestre carpinteiro e José Gonçalves, caiador de Maximinos, assumiram obras de restauro na igreja e na residência paroquial, que «estavam em muito mau estado».

A figura do visitador era temida. As suas recomendações eram mesmo para levar a sério, sob pena de severas sanções.

Os documentos falam de uma visita em 1822, abordando o estado da igreja. O visitador, padre João Lopes de Carvalho, relatou que a igreja tinha sacrário, fabricado pela Confraria do Santíssimo. A propósito das alfaias religiosas, não foram apontadas grandes falhas e o visitador considerou que «a igreja estava apetrechada para a decência do culto divino».

Manuel Albino Penteadado Neiva esclarece que nessa altura em Vila Chã só existiam dois Minoristas, isto é, ainda não eram clérigos de missa. «Estamos em crer que um deles era José António de Sá, que recebera inquirição de Génere em 10 de Junho de 1819, e o outro era João Luís Costa Paranhos, possivelmente sobrinho do abade de Vila Chã, nesta altura João da Silva Paranhos», refere.

Mais tarde, em 1845, no conhecido Inquérito Paroquial, elogiava-se a segurança e a decência da igreja de Vila Chã, mas notava-se carência de paramentos. O abade de então parece que não era bem visto. Dizia-se que «tinha um comportamento sofrível».

As boas notícias prosseguem até ao fim do século. Na apreciação de Pinho Leal, no "Minho Pitoresco", fazia notar que o templo era regular e decente. Isto é, conclui-se que a igreja esteve quase sempre decente no século XIX.



> Durante o século XIX, os altares ganharam o estilo neoclássico



> Imagem de S. Pedro, cujo esplendor de prata serviu para fazer moedas



> Depois das intervenções, a igreja ganhou dimensão e ficou mais airosa

NO SÉCULO XX, O TEMPLO FICOU PRATICAMENTE NOVO

# Igreja de Vila Chã recebeu talha barroca da igreja de Gualtar

A igreja paroquial de Vila Chã é hoje um templo bastante rico em termos de imaginária, mas também no que diz respeito à talha. Recentemente, na sequência de uma intervenção de fundo, a igreja recebeu uma boa talha barroca, proveniente da igreja velha de Gualtar, em Braga.

Em 1994, o jornal "Notícias de Vila Chã", convidava a comunidade paroquial para um debate e apresentação de sugestões ou alternativas para as obras de restauro da igreja, em particular por causa da nova talha.

O periódico divulgou a memória descritiva da talha, com os seguintes pormenores: «A capela-mor será revestida com talha e respectiva tribuna para a exposição do Smo Sacramento no resplendor da custódia, aproveitando as talhas da igreja velha de Gualtar (Braga), enquadrando a sua execução mais para o estilo Barroco-D. João V». Foi divulgado um esboço de como ficaria o altar-mor, sujeito a alterações.

Prosseguindo com a descrição, dizia que a mesa do altar de pedra existente (já sagrada), poderia ser mantida, sendo revestida totalmente de talha do mesmo estilo da tribuna do altar-mor. Também os ambões foram dourados «em ouro fino em folha a imitar ouro velho».

A cadeira da presidência foi igualmente adaptada para ser enquadrada no estilo do altar-mor. Na realidade, a talha proveniente da igreja velha de Gualtar acabou por condicionar toda a decoração e arte a partir do arco cruzeiro.

Na sugestão apresentada à população, dizia que o sanefão a colocar no arco cruzeiro seria «adaptado (do adquirido da velha igreja de Gualtar, ao estilo dos altares laterais existentes». Vale a pena referir a nota do "Notícias de Vila Chã" da época, que dizia que a obra de talha seria executada pela Casa Cristã, de Braga, por um valor estimado de sete mil contos. Esperava-se que no Verão de 1995, por ocasião da Festa do Emigrante, de grande tradição na freguesia, as obras estivessem concluídas.

Regressando ao início do século XX, Teotónio da Fonseca dizia na publicação de 1936 "Espozende e o seu concelho", a propósito da igreja, que era «um templo modesto, de arquitectura simples, construído no centro de um adro, cercado por parede com duas entradas».



> Aspecto do arco cruzeiro e capela-mor, em talha barroca, tipo D. João V

junto à capela-mor, do lado direito, foi construída a sacristia». Ou seja, a igreja não tinha torre sineira. No interior, a capela-mor estava «fornada de estuque e o seu altar em talha antiga, estilo renascença. O tecto do corpo da igreja é de madeira pintada, com cinco traves a descoberto. No centro está pintada a imagem do padroeiro». Bem diferente da actualidade.

## Uma igreja ativa e ampla

É a partir de 1950, que o templo vai ser profundamente alterado, ganhando largura, altura e sobretudo uma torre sineira que lhe confere altivez e elegância. Manuel Albino Penteadado Neiva, tanto no jornal "Notícias de Vila Chã" como no livro "Vila Chã: Terra Milenar", dá conta não só do início das obras como de outros momentos simbólicos para a paróquia e para a igreja. Em relação ao início da "revolução" no templo, o autor refere o seguinte: «em dia de S. João Baptista, orago desta paróquia, do ano de 1951, deu-se início àquilo que é hoje a nossa Igreja Paroquial».

O obreiro desta (re)construção foi o padre Carlos Martins Lima. Tal como agora, os tempos não eram fáceis e foi preciso constituir comissões de angariação de fundos, com 19 cobradores.



> Uma das caras da igreja, ainda forrada em azulejos

A primeira fase do projecto, da autoria do arquitecto Manuel Ribeiro, consistia na construção do corpo da igreja (a metade inferior e torre), por administração directa. De acordo com o jornal, a segunda fase, que come-

çou no dia 11 de Setembro de 1960, esteve a cargo de Delfim Gonçalves Ferreira. Mais uma vez, a obra contou com o contributo dos emigrantes, como ficou exemplificado com uma oferta proveniente do Brasil. A terceira fase foi sobretudo em arran-

jos e restauros de interior, com destaque para os altares, introduzindo modificações na sequência das directrizes emanadas do Concílio Vaticano II. O telhado, o relógio, e a colocação da imagem no exterior, foram outras intervenções de referência.



> O púlpito a condizer com a talha proveniente de Gualtar

PATRIMÓNIO MATERIAL E IMATERIAL DE S. JOÃO BAPTISTA DE VILA CHÃ

# Padroeiro em pedra ançã é uma valiosa peça do século XVI

Como já referimos nas páginas anteriores, não há dúvidas quanto à antiguidade da igreja de Vila Chã, ainda que tenha passado por diversas e profundas mudanças de estilo arquitectónico e até de dimensão. Muitas imagens e objectos de valor perderam-se na bruma da incúria de diferentes responsáveis e na gulodice imperialista das tropas de Napoleão. No entanto, felizmente, há coisas que perduram, a bem da história, da cultura e da riqueza patrimonial de Vila Chã.

Nesta página vamos abordar, em primeiro lugar, a imagem do padroeiro São João Baptista, em pedra ançã, datada do século XVI, porventura a mais valiosa peça patrimonial da igreja; depois, falaremos das antigas pias baptismais que, apesar da indiscutível mais-valia em termos artísticos, relativamente à nova, uma delas está "ostracizada" no exterior. A segunda, em mármore, teve mais sorte e está na sacristia. Outro dos temas desta página é o património imaterial deixado pelas várias confrarias que existiam na paróquia. Durante largos anos, a imagem de São João Baptista esteve no exterior, na fachada da igreja, numa janela. Porém, nas últimas intervenções, pessoas conhecedoras do valor histórico e artístico da peça, recomendaram que fosse transferida para o interior do templo, para evitar a cobiça dos "caçadores de arte" sem escrúpulos.

No século XVIII, mais precisamen-

te nas "Memórias Paroquiais de 1758", o abade Francisco Manuel Brandão fazia a seguinte descrição: «o orago desta freguezia hé Sam Joam Baptista de Vila Cham cuja imagem hé de pedra composta com as pinturas decentes, esta posta em o altar maior, em o retabolo na parte direita da capella maior da igreja desta freguezia». Já no segundo quartel do século XX, Teotónio da Fonseca, na publicação "Espozende e o seu concelho" dizia: «por cima de uma ampla janela aberta na sua fachada vê-se a imagem do padroeiro S. João Batista, de amplas vestimentas, com um cordeiro sobre um livro na mão». Actualmente, a imagem está colocada junto à pia baptismal. A localização é boa e simbolicamente bem escolhida. Ainda assim, nunca é demais chamar a atenção para o valor desta peça que merece, de facto, todo o cuidado e carinho. Outra das peças sobre a qual não gostaríamos de deixar de chamar a atenção é a antiga pia baptismal, em granito, presumivelmente do século XVI. Tal como em muitas outras paróquias, a antiga foi relegada para o adro, em muitos casos a servir de vaso ou floreiras, sem qualquer respeito pela história de um dos principais símbolos da liturgia e da fé cristã. Actualmente, a antiga pia está no adro, mas afastada da igreja. Pelo menos está limpa e cuidada. A outra pia, mais recente, em mármore, foi substituída por uma moderna, de gosto discutível, à semelhança do que aconteceu em outras pa-

róquias, no pós 25 de Abril e pós Vaticano II.

## Confrarias de Vila Chã

As confrarias faziam parte integrante da história das paróquias, tendo desempenhado papel de capital importância não só na dinamização das liturgias e na vivência cristã no seu todo, como também na ajuda aos mais necessitados, através de acções de solidariedade.

Em 1758, a paróquia de Vila Chã contava com as seguintes confrarias: Santíssimo Sacramento, provavelmente a mais antiga; São João Baptista, Santo Nome de Deus e Subsino, Nossa Senhora do Rosário e das Benditas Almas. A Confraria do Santíssimo em Vila Chã existe, segundo investigação de Manuel Albino Penteado Neiva, pelo menos deste 1681, precisando uma informação de outro investigador de Espozende, Franquelim Neiva Soares. Esta irmandade tinha fama de ter alfaias religiosas «riquíssimas», principalmente em prata. Algumas das peças terão sido amoadadas durante a invasão francesa. Já no século XX, foi alvo de uma sindicância, por suspeitas de irregularidades. Depois dos problemas, foi refundada em Maio de 1909. No século XIX, além das citadas confrarias, existia também a Confraria de Nossa Senhora do Livramento, de muita devoção. Hoje, acima de tudo, resta o património imaterial que foram as confrarias, algumas bandeiras e pouco mais.



> Imagem antiga de S. João, em pedra ançã



> Pia Baptismal do século XVI, no exterior da igreja



> Sacrário, o mais importante símbolo da Confraria do Santíssimo

# Santa Inquisição condenou morador de Vila Chã

**N**a investigação efectuada pelo historiador Manuel Albino Penteado Neiva sobre a freguesia de Vila Chã, que deu origem ao livro "Vila Chã: uma terra milenar", assume particular interesse a condenação de um homem pela Santa Inquisição, depois de ser acusado de ter casado duas vezes, sendo viva a primeira mulher. Segundo conta o investigador, que leu o processo, António Pinto de Caldas nasceu em Vila Chã em 1602 e era filho do Juiz da Alfândega de Esposende. Com dez anos foi estudar para o Seminário de Braga, ficando hospedado na casa de D. Miguel de Portugal, irmão do 5.º Conde de Vimioso e 1.º Marquês de Aguiar, uma família próxima da Casa Real. Contudo, quando fez 14 anos, António Pinto de Caldas dirigiu-se à igreja de S. Pedro de Maximinos e aí casou com a jovem Úrsula Barros. «Depois de casado, António Caldas deixa a Casa dos Vimioso e foi viver para uma casa situada na rua dos Chãos, continuando, no entanto, os seus estudos. Com ele estudava um colega chamado Domingos Luiz que, abusando da amizade, cometera e fora apanhado em flagrante adultério com a jovem Úrsula», afirma Penteado Neiva. Furioso, António Pinto de Caldas desafiou o traidor para um duelo de morte em plena rua. Iniciada a contenda, ela viria a ser travada pela Ordenança que tinha sido mandada pelo Ouvidor de Braga, que foi informado do que se estava a passar. Os dois rapazes foram presos, tendo António Pinto de Caldas ficado ferido. D. Miguel de Portugal, tendo tido conhecimento de tudo o que se passara saiu em sua defesa e libertou-o da prisão. Penteado Neiva relata que o jovem, regressado a Vila Chã, conta o sucedido ao vigário de Esposende, que lhe diz ser o casamento inválido porque ele era menor. Assim, António Pinto de Caldas faz as malas e acompanha os Vimioso para Madrid.

## O segundo casamento

No regresso a Portugal, D. Miguel de Portugal faz de António Pinto de Caldas feitor das suas propriedades no Alentejo, onde conhece, por volta de 1630, Maria Pereira, com quem casa. «Acontece, porém, que Maria Pereira tomou conhecimento de umas cartas enviadas por João Rodrigues ao clérigo António Fernandes, onde aquele dizia que Pinto de Caldas já tinha sido casado, há oito anos, com Úrsula de Barros, natural de Braga», afirma Penteado Neiva. A jovem decide então contar o que soube ao seu confessor, o Frei Dominicano João Borges, que lhe diz que era

obrigada a denunciá-lo ao Santo Ofício. «Ela não o fez e pede ao Frei Borges que o faça por ela, pois, segundo relatou, nutria uma profunda paixão pelo seu marido», acrescenta o investigador.

Assim, António Pinto de Caldas é denunciado na Casa do Despacho da Inquisição de Évora a 13 de Junho de 1632. Ao que tudo indica, salienta Penteado Neiva, a jovem deverá ter avisado o marido uma vez que, em 1633, Pinto de Caldas tinha fixado residência em Vila Chã, exercendo a profissão de cirurgião-barbeiro. Depois de ouvidas as testemunhas que confirmaram os dois casamentos, a Inquisição enviou para Vila Chã, António Francisco, do Santo Ofício, para prender Pinto de Caldas e conduzi-lo até Coimbra para ser julgado. No entanto, por ser uma pessoa muito grata à população, a Inquisição teve muitas dificuldades para encontrar o denunciado. «Dirigiram-se a casa do abade Calixto de Barros, perguntando-lhe o paradeiro de Pinto de Caldas. O abade foi lacónico, como era de esperar, e não deu muitas informações dele», conta o historiador. Perante estas dificuldades, o representante do Santo Ofício usou de uma artimanha para atrair Pinto de Caldas, simulando ter sofrido uma queda e partido um braço. A uns



> Altar mor da igreja de Vila Chã

homens, pediu que lhe procurassem um cirurgião, subornando-os com dinheiro. Foi desta forma que lhe trouxeram Pinto de Caldas, a quem lhe deu de imediato voz de prisão, a 21 de Dezembro de 1634. Depois de julgado, foi condenado «em quatro anos de degredo, para as galés, onde servirá ao remo, sem

soldo, e será açoutado pelas ruas públicas desta cidade, "citra sanguinis effusionem" que depois de cumprir o dito degredo, terá vida com sua primeira mulher». Mostrando-se arrependido, Pinto de Caldas renovou o seu compromisso com a Igreja e pediu que lhe reduzissem a pena porque era de ascen-

dência de pessoas de bem, solicitando ainda que não o enviassem para as galés, em Angola porque estava aleijado do braço e da perna esquerda, fruto da estocada que tinha levado no duelo. Segundo Penteado Neiva, «esta parte da pena foi-lhe comutada por oito anos de degredo no Couto de Castro Marim».



> Cruzeiro paroquial de Vila Chã



> Imagem de S. Bento



> Junto à pia baptismal da igreja de Vila Chã está guardada a imagem de S. João Baptista que se encontrava no nicho da fachada do templo. Esta é uma peça de arte de grande valor e trata-se de uma imagem, originalmente policromada, em pedra Ançã.



> A paróquia de Vila Chã possui três pias baptismais, estando ao culto apenas uma. A mais antiga é a que se encontra no exterior e data do século XVI. A outra que está guardada na sacristia é toda feita em mármore.



> A imagem de S. Pedro é uma das mais antigas que a igreja de Vila Chã possui. Esta peça em madeira policromada é já referida nas Memórias Paroquiais de 1758, e, segundo o que é descrito, estava no altar mor.



> A igreja de Vila Chã é um templo que tem sofrido várias obras ao longo dos séculos. Actualmente, o templo está a sofrer uma pequena intervenção que visa renovar o telhado, com a colocação de telhas novas.



> A freguesia de Vila Chã não esquece todos aqueles que um dia partiram da sua terra em direcção ao desconhecido em busca de uma vida melhor. Por isso, foi das primeiras a erguer um monumento de homenagem ao emigrante.



> No interior da igreja de Vila Chã encontra-se uma placa comemorativa das bodas de prata paroquiais do padre Carlos Lima, que demonstra o carinho da população para com o seu pastor.